

RELATÓRIO AO II CONGRESSO DOS SINDICATOS DE TODA A RÚSSIA¹

**Vladimir Ilitch Lénine
1919**

20 de Janeiro de 1919

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t4, pp 141-155
Traduzido das Obras Completas de V.I. Lénine
5ªEd. russo t.37, pp. 435-453

¹ O II Congresso de Toda a Rússia dos Sindicatos realizou-se de 16 a 25 de Janeiro de 1919. Nessa altura os sindicatos na Rússia uniam 4 420 000 pessoas. A maioria no congresso pertencia aos comunistas e simpatizantes. Lénine interveio acerca do ponto central da ordem de trabalhos - as tarefas dos sindicatos. Nos debates que se desenrolaram, os mencheviques e os representantes de outros partidos pequeno-burgueses que os apoiavam tentaram impor ao congresso uma resolução declarando a «independência» dos sindicatos em relação aos órgãos do poder soviético. O congresso aprovou por maioria de votos a resolução proposta pela fracção comunista, que rejeitava a «independência» dos sindicatos, bem como as reivindicações anarco-sindicalistas de transferir para os sindicatos as funções do poder de Estado.

[Aplausos entusiásticos e prolongados.]

Camaradas, devo antes de mais pedir desculpa pelo facto de, em consequência de uma pequena indisposição, ter de limitar-me hoje apenas a uma breve intervenção acerca da questão que agora está colocada perante vós. Trata-se da questão das tarefas dos sindicatos.

A resolução que vos é proposta é apresentada ao congresso dos Sindicatos em nome da fracção comunista, que a submeteu a uma discussão em todos os aspectos. Dado que a resolução está agora impressa, suponho que todos os presentes a conhecem e permito-me deter-me apenas nos dois pontos principais, que, em meu entender, constituem os pontos mais fundamentais abordados, falando em geral, nesta resolução.

Parece-me que o primeiro desses pontos, de carácter por assim dizer negativo, é a declaração a propósito da palavra de ordem de unidade ou de independência do movimento sindical, palavra de ordem acerca da qual o ponto 3 da resolução diz que na prática ela conduziu os grupos que apoiam essa palavra de ordem à luta aberta contra o poder soviético, e essa tentativa colocou-os, a esses grupos, fora das fileiras da classe operária.

Parece-me, camaradas, que essa famigerada palavra de ordem de independência não merece atenção apenas do ponto de vista sindical. Penso que toda a luta, que presentemente abrange o mundo inteiro e que se agudiza claramente com uma rapidez inaudita, sobre a questão da ditadura do proletariado ou ditadura da burguesia, penso que toda essa luta só pode ser correctamente entendida, correctamente tida em conta, só pode dar a possibilidade à classe operária, aos seus representantes conscientes, de participar correctamente nessa luta com a condição de compreenderem a ilusão que é para uns, o logro que é para outros essa palavra de ordem de independência. Antes de mais queria assinalar, ainda que de modo breve, como essa palavra de ordem é teoricamente incorrecta, como teoricamente ela não resista à menor crítica.

Camaradas, os últimos acontecimentos na Alemanha, o assassinio selvático e traiçoeiro de Liebknecht e de Luxemburg, não constitui apenas o acontecimento mais dramático e trágico da revolução alemã nascente; ele projecta, além disso, uma luz invulgarmente viva sobre a colocação das questões da presente luta nas correntes actuais das diversas concepções políticas e nos sistemas teóricos actuais. Foi precisamente da Alemanha que ouvimos mais discursos, por exemplo sobre a famigerada democracia, sobre as palavras de ordem de democracia em geral, bem como sobre as palavras de ordem de independência da classe operária em relação ao poder de Estado. Essas palavras de ordem, que à primeira vista parecem, talvez, desligadas umas das outras, estão na realidade estreitamente ligadas. Elas estão estreitamente ligadas porque mostram como são ainda hoje fortes, apesar da enorme experiência da luta de classe do proletariado, os preconceitos pequeno-burgueses; como ainda hoje a luta de classes é reconhecida, segundo a expressão alemã, apenas com os lábios, sem penetrar verdadeiramente nem na cabeça nem no coração daqueles que falam dela. Como se pode, com efeito, se recordarmos nem que seja o á-bê-cê da economia política tal como a aprendemos em *O Capital* de Marx, da doutrina da luta de classes na qual temos os dois pés assentes; como se pode, com o agravamento da luta na sua actual envergadura, na sua actual amplitude, quando é evidente que a revolução socialista está na ordem do dia em todo o mundo, quando isso é praticamente evidente pelas acções nos países mais democráticos; como se pode falar aqui de democracia em geral, ou como se pode falar aqui de independência? Quem assim pensa - se falarmos da teoria da economia política - mostra que não compreendeu nem uma página de *O Capital* de Marx, perante o qual se inclinam hoje no todos os socialistas de todos os países sem excepção.

Mas de facto, inclinando-se perante essa obra, eles, quando estão a chegar a essa luta principal a que conduzia *O Capital* de Marx afastam-se dessa luta de classes e imaginam que pode existir uma democracia fora das classes ou acima das classes, que a democracia na sociedade contemporânea, enquanto os capitalistas conservarem a propriedade, pode ser uma democracia diferente, não burguesa, isto é, uma ditadura burguesa dissimulada com falsos e mentirosos rótulos democráticos. Precisamente dessa mesma Alemanha chegaram-nos recentemente vozes segundo as quais ali é possível, e mesmo provável, que a ditadura do proletariado não saia dos quadros da democracia, que a democracia permaneça. E foi precisamente ali que homens que se pretendem professores de marxismo, homens que foram os ideólogos de toda a II Internacional desde 1889 a 1914, como Kautsky, brandiram a bandeira da democracia, sem compreender que a democracia, enquanto a propriedade permanecer nas mãos dos capitalistas, é apenas um disfarce inteiramente hipócrita da ditadura da burguesia e que não pode haver qualquer solução séria da questão da libertação do trabalho do jugo do capital se esse disfarce hipócrita não for arrancado, se nós não colocarmos a questão como Marx sempre ensinou a colocá-la e como ensinou a colocá-la a luta quotidiana do proletariado e como ensinou a colocá-la cada greve, cada agudização da luta sindical; colocar a questão assim: enquanto a propriedade permanecer nas mãos dos capitalistas, qualquer democracia será apenas um disfarce hipócrita da ditadura burguesa. Todos os discursos acerca do sufrágio universal, da vontade do povo, da igualdade dos eleitores, serão um completo logro, pois não pode haver igualdade entre o explorador e o explorado, entre o detentor do capital e da propriedade e o escravo assalariado contemporâneo.

Certamente, a democracia burguesa é historicamente um enorme progresso em comparação com o tsarismo, a autocracia, a monarquia e todos os vestígios do feudalismo. Certamente, deveremos utilizá-la, e então colocaremos a questão assim: enquanto não estiver na ordem do dia a luta da classe operária pela totalidade do poder, a utilização das formas da democracia burguesa é para nós obrigatória. Mas o facto é que chegámos precisamente a esse momento decisivo à escala internacional. Precisamente agora a questão encontra-se assim colocada: manterão os capitalistas o poder sobre os meios de produção e, antes de mais, a propriedade dos instrumentos de produção? E isso significa que eles preparam novas guerras. A guerra imperialista mostrou-nos com perfeita evidência como a propriedade capitalista está ligada à carnificina dos povos e os conduziu a ela de modo irresistível e inelutável. Mas então todos os discursos sobre a democracia como expressão da vontade de todo o povo revelam-se claramente a todos como uma mentira, revelam-se apenas como o privilégio dos capitalistas e dos ricos de entorpecer as camadas mais atrasadas dos trabalhadores com a sua imprensa, que permanece nas mãos dos proprietários, e com todos os outros meios de influência política.

E assim e só assim que a questão se coloca. Ou a ditadura da burguesia, disfarçada pelas assembleias constituintes, por toda a espécie de votações, pela democracia e outras mentiras burguesas semelhantes, com as quais cegam os imbecis e que presentemente só podem ostentar e alardear os homens que se tornaram inteiramente e em toda a linha renegados do marxismo e renegados do socialismo - ou ditadura do proletariado para reprimir com mão de ferro a burguesia, que incita os elementos mais inconscientes contra os melhores chefes do proletariado mundial. E esta ditadura é a vitória do proletariado para reprimir a burguesia, que organiza agora uma resistência encarniçadíssima ao proletariado tanto mais furiosamente quanto mais claramente viu que essa questão é colocada pelas massas. Porque até agora, na imensa maioria dos casos, ela considerava o descontentamento e a indignação dos operários como uma expressão temporária do seu descontentamento. Ainda hoje os capitalistas ingleses, por exemplo, talvez os mais experientes a enganar politicamente os operários, politicamente os mais instruídos e organizados, consideram muitas vezes as coisas assim: a guerra, certamente conduziu ao descontentamento e isso gera e gerará inevitavelmente a agitação operária, mas que a questão seja agora de saber quem estará à frente do Estado, nas mãos de quem estará o poder de Estado e se a propriedade permanecerá nas mãos dos senhores capitalistas, isso não o formularam eles ainda. E entretanto os acontecimentos

mostraram que precisamente essa questão foi indubitavelmente colocada na ordem do dia não apenas na Rússia mas em toda uma série de países europeus ocidentais, e não apenas nos países que participaram na guerra mas também em países neutrais que sofreram relativamente menos, tais como a Suíça e a Holanda.

A burguesia educou-se e educou as massas principalmente no espírito do parlamentarismo burguês, mas no seio delas amadurecia, como se tornou perfeitamente evidente, o movimento soviético, movimento pelo poder soviético. O movimento soviético deixou de ser a forma russa do poder do proletariado, ele tornou-se a posição do proletariado internacional na sua luta pelo poder, tornou-se o segundo passo no desenvolvimento mundial da revolução socialista. O primeiro passo foi a Comuna de Paris, a qual mostrou que a classe operária não chegará ao socialismo senão através da ditadura, através da repressão violenta dos exploradores. A primeira coisa que a Comuna de Paris mostrou foi que a classe operária não poderá chegar ao socialismo através do velho Estado parlamentar democrático-burguês, mas apenas através de um Estado de novo tipo, que quebrará de baixo a cima o parlamentarismo e a burocracia.

O segundo passo, do ponto de vista do desenvolvimento mundial da revolução socialista, foi o poder soviético. E se inicialmente ele era considerado, e podia e até devia mesmo ser considerado, para não sair do terreno dos factos, um fenómeno apenas russo, agora os acontecimentos mostraram que não é apenas um fenómeno russo, que é uma forma internacional da luta do proletariado, que as guerras, que misturaram de uma nova maneira as massas proletárias e semiproletárias. Ihes deram uma nova organização, manifestamente oposta ao imperialismo espoliador, oposta à classe dos capitalistas com os seus lucros fantásticos, inauditos antes da guerra, criaram por toda a parte essas novas organizações de luta das massas, organizações do proletariado para derrubar o poder da burguesia.

Nem todos tiveram consciência desta importância dos soviets quando os soviets surgiram. E mesmo agora nem todos têm consciência dessa importância. Mas para nós, que conhecemos os germes desses soviets em 1905, para nós, que conhecemos depois da revolução de Fevereiro de 1917 um longo período de hesitações e de oscilações entre a organização soviética das massas e a ideologia pequeno-burguesa, conciliatória, de traição, para nós o quadro é hoje mais do que claro. Ele está perante nós como que na palma da mão, e é do ponto de vista desse quadro, do ponto de vista de como se desenvolveu e se desenvolve de dia para dia mais ampla e profundamente a luta do proletariado pelo poder de Estado contra a propriedade capitalista, que nós abordamos a solução da questão. Deste ponto de vista, que valem todas as referências à democracia e todas as frases sobre a «independência» e outros discursos semelhantes, que deslizam constantemente para uma qualquer posição fora das classes, se nós sabemos que na sociedade capitalista reina a burguesia, que a sociedade capitalista é gerada precisamente pelo poder da burguesia tanto na esfera política como na esfera económica? Ou poder do proletariado ou ditadura da burguesia não pode haver nada de intermédio em questões minimamente sérias, por um período minimamente prolongado. E quem fala de independência, quem fala de democracia em geral, supõe consciente ou inconscientemente qualquer coisa de intermédio, qualquer coisa entre as classes ou acima das classes. E isso é em todos os casos enganar-se a si próprio e enganar os outros, é mascarar o facto de que enquanto permanecer o poder dos capitalistas, enquanto os capitalistas mantiverem a propriedade dos instrumentos de produção, a democracia pode ser menos ampla ou pode ser mais ampla, civilizada, etc., mas de facto continua a ser ditadura burguesa, e a guerra civil decorre com tanto maior clareza com tanto maior evidência, de cada grande contradição.

Quanto mais próximas da democracia estavam as formas políticas da França tanto mais depressa um caso como o caso Dreyfus gerava ali a guerra civil. Quanto mais ampla é a democracia na América, com o seu proletariado, os seus internacionalistas e mesmo os simples pacifistas, tanto mais depressa ocorrem casos de linchamento e explosões de guerra civil. O significado disso é para nós mais claro agora, quando a primeira semana de liberdade burguesa, de democracia na Alemanha,

levou a um furiosíssimo combate da guerra civil, muito mais agudo, muito mais encarniçado do que no nosso país. E quem julga essas explosões do ponto de vista de quais os partidos processados em tribunal; quem julga do ponto de vista apenas do assassinio de Liebknecht e de Luxemburg, dá provas de cegueira e de espírito timorato, não querendo compreender que estamos aqui perante explosões de uma guerra civil irresistível, que decorre irresistivelmente de todas as contradições do capitalismo. Não há nem pode haver meio termo. Todos os discursos acerca da independência ou da democracia em geral, sejam quais forem os molhos com que os temperem, são o maior logro, a maior traição ao socialismo. E se a propaganda teórica dos bolcheviques, que são de facto presentemente os fundadores da Internacional, se a prédica teórica dos bolcheviques sobre a guerra civil, está longe de ter sido suficiente e foi muitas vezes entravada pelas barreiras da censura e pelas medidas de barragem militares dos Estados imperialistas, já não é a prédica, não é a teoria, mas são os factos de guerra civil que se tornam tanto mais furiosos quanto mais velha e mais prolongada é a democracia dos Estados da Europa Ocidental. Estes factos penetrarão mesmo nos crânios mais atrasados, mais obtusos. Agora as pessoas que falam de democracia em geral, de independência, podem ser chamadas fósseis.

E no entanto, tendo em conta as penosas condições de luta das quais o movimento sindical na Rússia ainda recentemente nasceu e cresceu, e agora cresceu já quase definitivamente, devemos lançar de passagem um olhar para trás, recordar o dia de ontem. Em minha opinião, essas recordações, essas referências, são tanto mais necessárias quanto o movimento sindical, precisamente como movimento sindical, deve, na época da revolução socialista mundial que se inicia, passar por uma viragem particularmente brusca.

Nesse movimento sindical os ideólogos da burguesia tentaram de modo especial pescar em águas turvas. Eles procuraram tornar a luta económica, que é a base do movimento sindical, independente da luta política. Entretanto, e precisamente agora, de facto, principalmente depois da revolução política que deu o poder ao proletariado, é precisamente neste momento que os sindicatos, como a mais ampla organização do proletariado à escala da classe, devem desempenhar um papel especialmente grande, devem ocupar uma posição central na política, devem tornar-se, num certo sentido do termo, o principal órgão político, pois todos os velhos conceitos, todas as velhas categorias dessa política, são refutados e completamente invertidos pela revolução política que colocou o poder nas mãos do proletariado. O velho Estado, tal como foi edificado mesmo nas melhores e mais democráticas das repúblicas burguesas, repito-o, nunca foi nem pode ser senão a ditadura da burguesia, isto é, daqueles que detêm nas suas mãos as fábricas, os instrumentos de produção, as terras, os caminhos-de-ferro, numa palavra, todos os meios materiais, todos os instrumentos de trabalho, sem cuja posse o trabalho continua a ser escravidão.

Precisamente por isso, quando o poder político passou para as mãos do proletariado, os sindicatos tiveram que desempenhar cada vez mais o papel de construtores da política da classe operária, o papel de homens cuja organização de classe deve substituir a antiga classe exploradora, derrubando todas as velhas tradições e preconceitos da velha ciência, que pela boca de um cientista dizia ao proletariado: dirigi a vossa economia, e quanto à política será o partido dos elementos burgueses que a dirigirá². Toda essa prédica se revelou simplesmente um instrumento nas mãos da classe dos exploradores e dos seus carrascos para reprimir o proletariado, que por toda a parte passa a insurreição e à luta.

2 Lénine refere-se provavelmente ao manifesto do grupo dos «economistas», publicado em 1899 sob o título de *Credo* (símbolo de fé, programa, exposição da concepção do mundo), que expressava do modo mais claro o carácter oportunista do economismo russo. Os «economistas» limitavam a tarefa da classe operária à luta económica. Reverenciando a espontaneidade do movimento operário, os «economistas» menosprezavam a importância da teoria revolucionária, negavam a necessidade de o partido marxista introduzir no movimento operário a consciência socialista, e desse modo abriam o caminho à ideologia burguesa. Os «economistas» defendiam o isolamento e o diletantismo no movimento social-democrata, pronunciavam-se contra a necessidade da criação de um partido centralizado da classe operária.

E aqui, camaradas, os sindicatos, no seu trabalho de edificação do Estado, devem colocar uma questão inteiramente nova - a questão da «estatização» dos sindicatos, como essa questão é designada na resolução proposta pela fracção dos comunistas. É principalmente aqui que os sindicatos devem meditar numa das mais profundas e mais notáveis sentenças dos fundadores do comunismo contemporâneo: «quanto mais vasta e profunda é a revolução que ocorre na sociedade tanto maior deve ser o número das pessoas que realizam essa revolução, que são os autores dessa revolução no verdadeiro sentido da palavra»³. Tome-se a velha sociedade da nobreza feudal. As revoluções eram aí ridiculamente fáceis, enquanto se tratava de retirar o poder a um grupo de nobres ou de feudais e de o entregar a um outro. Tome-se a sociedade burguesa, que se ufana do seu sufrágio universal. Mas de facto, como sabemos, esse sufrágio universal, todo esse aparelho, se transforma num logro, pois a enorme maioria dos trabalhadores está oprimida e esmagada mesmo nos países mais avançados, cultos e democráticos, esmagada pelos trabalhos forçados capitalistas, de tal modo que, de facto, ela não participa nem pode participar na política. E agora surge pela primeira vez na história da humanidade uma revolução que pode conduzir à vitória total do socialismo - apenas com a condição de que novas grandes massas comecem a governar independentemente. A revolução socialista significa não uma mudança das formas do Estado, não a substituição da monarquia pela república, não um novo sistema de votação que supõe homens perfeitamente «iguais» e que na realidade é um artifício para encobrir e mascarar o facto de que um é proprietário e o outro nada possui. Do ponto de vista dos homens da sociedade burguesa - uma vez que há «democracia» e uma vez que o capitalista e o proletário participam nessa votação - isso é a «vontade do povo» isso é a «igualdade», isso é a expressão dos seus desejos. Nós sabemos que ignóbil mentira são esses discursos, que apenas encobrem os carrascos e assassinos como Ebert e Scheidemann. Na sociedade burguesa, a massa dos trabalhadores era governada pela burguesia, com a ajuda destas ou daquelas formas mais ou menos democráticas, era governada por uma minoria, os possidentes, que participavam da propriedade capitalista, que transformavam a instrução e a ciência, supremo baluarte e supremo escol da civilização capitalista, num instrumento de exploração, num monopólio, a fim de manter a enorme maioria dos homens na escravidão. A revolução que nós iniciámos, que nós realizamos há já dois anos e que decidimos firmemente levar até ao fim [aplausos], essa revolução só é possível e realizável com a condição de que consigamos a passagem do poder para uma nova classe, de que no lugar da burguesia, dos escravistas capitalistas, dos intelectuais burgueses, representantes de todos os possidentes, de todos os proprietários, em todos os domínios da administração, em toda a edificação do Estado, em toda a direcção da nova vida, de cima a baixo, apareça uma nova classe. [Aplausos]

Eis a tarefa que presentemente se nos coloca. Só quando essa nova classe se educar não com livros, não com comícios, não com discursos, mas com a prática da sua governação, só quando ela atrair para essa obra as mais amplas massas dos trabalhadores, só quando ela elaborar formas que dêem a todos os trabalhadores a possibilidade se adaptarem facilmente à tarefa da governação do Estado e da criação de uma ordem estatal, só então a revolução socialista pode ser sólida e só com essa condição ela não pode deixar de ser sólida. Existindo essa condição, ela constituirá uma tal força que repelirá o capitalismo e todas as suas sobrevivências como uma palha, como poeira.

Eis a tarefa que, de um ponto de vista de classe, falando em geral, se nos coloca como condição da revolução socialista vitoriosa, tarefa que se alia tão estreita e directamente com a tarefa das organizações que, mesmo no quadro da sociedade capitalista, aspiravam à mais vasta luta de massas pela destruição dessa sociedade. Mas, das organizações de então, os sindicatos eram as organizações mais vastas, que hoje, mantendo-se formalmente independentes, podem e devem, como diz uma das teses da resolução que vos é proposta, ter uma participação enérgica na actividade do poder soviético através do trabalho directo em todos os órgãos estatais, da organização de um controlo de massas sobre as suas actividades, etc., da criação de novos órgãos de registo, de controlo e de regulamentação de toda a produção e distribuição, que assentem sobre a

3 Citação feita do VI capítulo da obra de K. Marx e F. Engels, *A Sagrada Família*, ou *A Crítica da Crítica Crítica*.

iniciativa organizada das próprias amplas massas trabalhadoras interessadas.

Na sociedade capitalista, nos países mais avançados, depois de dezenas e por vezes mesmo de centenas de anos de desenvolvimento da civilização e da cultura, nunca aconteceu na democracia burguesa que os sindicatos abrangessem, no melhor dos casos, mais de um quinto dos trabalhadores assalariados. Neles participava uma pequena camada superior, e desta camada superior apenas uma ínfima parte era promovida, subornada pelos capitalistas para ocupar lugares na sociedade capitalista como dirigentes operários. Os socialistas americanos chamavam a esses homens «lugartenentes operários da classe dos capitalistas». No país da cultura burguesa mais livre, da mais democrática república burguesa, eles viam melhor esse papel das ínfimas camadas superiores do proletariado, que se punham de facto ao serviço da burguesia, que a substituíam, que eram por ela corrompidas e compradas e formavam os quadros dos sociais-patriotas e defensistas, cujos heróis serão para sempre Ebert e Scheidemann.

No nosso país, camaradas, a situação é hoje diferente. Os sindicatos podem iniciar a edificação económica do Estado em novos moldes, apoiando-se em tudo o que foi criado pela cultura capitalista, apoiando-se naquilo que foi criado pela produção capitalista, construindo o socialismo precisamente a partir dessa base material, a partir dessa grande produção de que nós sofremos o jugo, que foi criada contra nós, que foi feita para a infundável opressão das massas operárias, mas que as uniu, que as cimentou e que desse modo criou a vanguarda da nova sociedade. E essa vanguarda começou, depois da revolução de Outubro, depois da passagem do poder para o proletariado, a realizar a sua verdadeira tarefa: educar a massa trabalhadora explorada, atraí-la à governação do Estado, à administração da produção sem os funcionários, sem a burguesia, sem os capitalistas. Eis por que razão a resolução que vos é proposta rejeita qualquer plano burguês e todos esses discursos de traição. Eis por que razão ela diz que a estatização dos sindicatos é inevitável. Simultaneamente ela dá um passo em frente. Nós já não colocamos apenas teoricamente a questão dessa estatização dos sindicatos. Graças a deus ultrapassámos a fase em que nos ocupávamos em colocar essas questões apenas na discussão teórica. Nós conseguimos mesmo, talvez, esquecer por vezes os tempos em que nos ocupávamos dessas discussões livres sobre um tema puramente teórico. Esses tempos estão há muito enterrados, e essas questões colocamo-las hoje com base num ano de experiência dos sindicatos, que no seu papel de organizadores da produção criaram organizações como o Conselho Superior da Economia Nacional⁴ e que nessa obra incrivelmente difícil cometeram muitos erros e cometem-nos ainda, como se compreende, constantemente, sem prestar atenção às malevolentes zombarias da burguesia, que diz: pois bem, os operários puseram-se a construir e aí está, cometeram erros.

A burguesia imagina que quando tomou os assuntos das mãos do tsar e dos nobres não cometeu erros. Ela imagina que a reforma de 1861⁵, que remendou o edifício da servidão, deixando a massa dos rendimentos e o poder nas mãos dos feudais, foi feita sem choques e que eles não tiveram na Rússia dezenas de anos de caos. Não há um único país onde os senhores nobres não tenham troçado dos arrivistas da burguesia e dos plebeus que assumiam a tarefa de governar o Estado.

4 Conselho Superior da Economia Nacional: órgão central superior de direcção da indústria no Estado soviético de 1917 a 1932.

5 Trata-se da «reforma camponesa», que aboliu a servidão na Rússia. Em 19 de Fevereiro de 1861, o imperador Alexandre assinou um manifesto e um «Regulamento» sobre os camponeses, que saíam da dependência servil. A reforma foi aplicada no interesse dos latifundiários. Manteve-se a propriedade latifundiária da terra. Os camponeses eram obrigados a resgatar os lotes recebidos dos latifundiários. O resgate pelos camponeses dos lotes, para se tornarem sua propriedade, era um roubo descarado pelos latifundiários e pelo governo tsarista. A soma dos resgates a pagar ultrapassava em muito o valor real dos lotes camponeses, o que levava à ruína das explorações camponesas. Ao fazer a medição, os latifundiários cortavam para si uma parte considerável das terras camponesas (terras cortadas - otrezki) e deixavam aos camponeses as terras piores. Nas mãos dos latifundiários ficavam as melhores terras, bem como os prados, os bosques, os bebedouros, as pastagens, sem os quais os camponeses não podiam ter as suas explorações autónomas.

É natural que hoje toda a flor ou, melhor dizendo, a flor estéril da intelectualidade burguesa também escarneça de cada erro cometido pelo novo poder, principalmente quando a nova classe teve, por força da resistência furiosa dos exploradores, por força da campanha da união mundial dos exploradores contra um dos países mais fracos e menos preparados, a Rússia, quando a união dos trabalhadores teve que fazer a sua revolução com uma rapidez louca, em condições em que era necessário pensar não tanto no curso sem choques dessa revolução como na maneira de conseguir manter-se até que o proletariado europeu ocidental começasse a despertar. Cumprimos essa tarefa. Neste aspecto, camaradas, podemos dizer desde já que somos muito mais felizes do que os homens da revolução francesa, que foi vencida pela união dos países monárquicos e atrasados, que se manteve durante um ano sob a forma de poder das camadas mais baixas da burguesia de então, que não suscitou imediatamente um movimento similar nos outros países e que, não obstante, fez tanto para a burguesia, para a democracia burguesa, que todo o desenvolvimento da humanidade civilizada em todo o século XIX - tudo decorre da grande revolução francesa, tudo lhe é devido.

Nós somos muito mais felizes. Aquilo que os homens de então fizeram durante um ano para o desenvolvimento da democracia burguesa, nós fizemo-lo durante o mesmo prazo, durante este ano passado, numa escala muito maior para o novo regime proletário, fizemo-lo de tal modo que já hoje o movimento na Rússia, iniciado não como resultado dos nossos méritos mas como resultado de um particular concurso de circunstâncias e de condições particulares, que colocavam a Rússia entre os dois gigantes imperialistas do mundo civilizado contemporâneo - esse movimento e a vitória do poder soviético conseguiram, num ano, que o próprio movimento se tornasse internacional, que fosse fundada a Internacional Comunista, conseguiram que as palavras de ordem e os ideais da velha democracia burguesa fossem derrotados, e presentemente não há um único político consciente em todo o mundo, seja qual for o partido a que pertença, que possa não ver que a revolução socialista internacional começou, que ela está em marcha. [Aplausos.]

Camaradas, eu desviei-me um pouco ao abordar o tema de como, deixando muito para trás a colocação teórica da questão, nós nos aproximámos da sua solução prática. Temos uma experiência de um ano, que nos deu já incomensuravelmente mais êxitos na causa da vitória do proletariado e da sua revolução do que no final do século XVIII um ano de ditadura da democracia burguesa deu para a vitória dessa democracia burguesa em todo o mundo. Mas durante este ano nós adquirimos além disso uma enorme experiência prática que nos permite, se não determinar com precisão cada um dos nossos passos, pelo menos marcar o ritmo do desenvolvimento, a sua velocidade, ver as dificuldades práticas e tomar as medidas práticas que nos levarão de uma vitória parcial a outra no derrubamento da burguesia.

Olhando para trás, nós vemos quais os erros que temos de corrigir, vemos claramente aquilo que devemos construir e como devemos continuar a construir. É essa a razão por que a nossa resolução não se limita a proclamar a estatização dos sindicatos, a proclamar em princípio a ditadura do proletariado, a necessidade de avançarmos, como diz uma passagem da resolução: «inevitavelmente para fusão das organizações sindicais com os órgãos do poder de Estado» - isso sabemos-lo teoricamente, isso indicámo-lo ainda antes de Outubro, era necessário indicá-lo ainda mais cedo. Mas isso não chega. Para o partido que abordou plenamente a edificação prática do socialismo, para os sindicatos, que já estabeleceram os órgãos de gestão da indústria à escala de toda a Rússia, à escala de todo o Estado, que já criaram o Conselho Superior da Economia Nacional, que através de milhares de erros adquiriram milhares de elementos da sua própria experiência de organização, o cerne da questão não é já o mesmo era dantes.

Agora já não basta limitarmo-nos à proclamação da ditadura do proletariado. É inevitável a estatização dos sindicatos, é inevitável a sua fusão com os órgãos do poder de Estado, é inevitável a passagem total para as suas mãos da edificação da grande produção. Mas tudo isso é insuficiente.

Temos também de ter em conta a nossa experiência prática para apreciar o momento imediato, actual. Nisso está agora para nós o cerne da questão. E a resolução aborda esse aspecto quando diz que se os sindicatos tentassem agora arbitrariamente assumir as funções do poder de Estado isso só provocaria confusão. Nós sofremos bastante com essa confusão. Lutámos muito contra esses vestígios do maldito regime burguês, contra as aspirações de pequenos proprietários, ou anarquistas, ou egoístas, que se implantaram profundamente também entre os operários.

O operário nunca esteve separado da antiga sociedade por uma muralha da China. E ele conservou muito da psicologia tradicional da sociedade capitalista. Os operários constroem uma nova sociedade sem se terem transformado em homens novos, limpos da lama do velho mundo, mas permanecendo ainda atolados nessa lama até aos joelhos. Limpar essa lama é ainda apenas um sonho. Seria uma profunda utopia pensar que isso pode ser feito imediatamente. Seria uma utopia que na prática apenas remeteria o reino do socialismo para as calendas gregas.

Não, não é assim que empreendemos a construção do socialismo. Empreendemo-la com os pés assentes no terreno da sociedade capitalista, lutando contra todas as fraquezas e defeitos que existem também entre os trabalhadores e que puxam o proletariado para baixo. Nessa luta existem muitos velhos hábitos e costumes separatistas de pequenos proprietários e subsiste ainda a velha palavra de ordem: «cada um por si e deus por todos». Havia mais do que bastante disso em cada sindicato, em cada fábrica, que muitas vezes pensava apenas em si, e quanto ao resto - que disso tratem deus e as autoridades. Isso vimo-lo, isso sofremo-lo na nossa pele, custou-nos tantos erros, tantos erros graves, que presentemente temos essa existência em conta e dizemos aos camaradas: prevenimos-vos da maneira mais categórica contra todas as acções arbitrárias nesse domínio. E dizemos: isso não será construção do socialismo, isso será cedermos todos às fraquezas do capitalismo.

Nós aprendemos agora a ter em conta toda a dificuldade da tarefa que temos pela frente. Estamos no centro do trabalho de construção do socialismo, e do ponto de vista desse trabalho fulcral pronunciamos-nos contra quaisquer acções arbitrárias neste domínio. Os operários conscientes devem estar prevenidos contra essas acções arbitrárias. É preciso dizer: não podemos agora fundir de um só golpe os sindicatos com os órgãos do poder de Estado. Isso seria um erro. A questão não se coloca assim. Sabemos agora que o proletariado promoveu alguns milhares, talvez algumas dezenas de milhares de proletários para a actividade de direcção do Estado. Sabemos que a nova classe - o proletariado - tem agora os seus representantes em cada ramo da direcção do Estado, em cada canto das empresas socializadas ou em vias de socialização ou no domínio da economia. O proletariado sabe isso. Ele meteu mãos à obra praticamente e vê agora que é necessário prosseguir por esse mesmo caminho, que é necessário dar ainda muitos passos antes que seja possível dizer: os sindicatos dos trabalhadores fundiram-se definitivamente com todo o aparelho do Estado. Isso será no dia em que os operários tiverem tomado definitivamente nas suas mãos os organismos de violência de uma classe sobre a outra. E nós sabemos que isso acontecerá.

Queremos agora concentrar toda a vossa atenção no trabalho prático imediato. É necessário alargar mais e mais a participação dos próprios trabalhadores na direcção da economia e na edificação da nova produção. Se não cumprirmos essa tarefa, se não transformarmos os sindicatos em órgãos de educação de massas dez vezes mais vastas que agora para a participação directa na direcção do Estado, então não levaremos até ao fim a obra da edificação do comunismo. Vemos isso claramente. Isso é dito na nossa resolução, e é para isso que eu quereria chamar principalmente a vossa atenção.

Com a maior revolução ocorrida na história, em que o proletariado tomou nas suas mãos o poder de Estado, os sindicatos sofrem uma enorme viragem em toda a sua actividade. Eles tornam-se os principais construtores da nova sociedade, porque só as massas de muitos milhões de pessoas podem ser os construtores dessa sociedade. Tal como na época da servidão esses construtores eram

centenas, tal como milhares e dezenas de milhares edificaram o Estado na época do capitalismo, também agora a revolução socialista só pode ser feita com a participação prática activa e directa de dezenas de milhões na direcção do Estado. É para isso que caminhamos, mas ainda não chegámos lá.

Os sindicatos devem saber que a par das tarefas que em parte se colocam, e em parte foram superadas, que, em todo o caso, ainda que se mantenham, não podem deixar de ser secundárias para nós, a par dessas tarefas de registo, de regulamentação, de união das organizações, se coloca uma tarefa mais elevada e mais importante: ensinar a massa a administrar, não por meio de livros, de conferências, de comícios, ensiná-la por meio da experiência, fazer de tal modo que o lugar dessa camada de vanguarda, que o proletariado tirou do seu seio, que ele encarregou de comandar, de organizar, seja ocupado cada vez mais nesses departamentos por camadas sempre novas de operários, para que no lugar dessa nova camada apareçam dez outras semelhantes. Essa tarefa parece imensa e difícil. Mas se pensarmos na rapidez com que a experiência da revolução deu a possibilidade de realizar as tarefas mais imensas que se colocaram depois de Outubro, em como passaram a aspirar ao conhecimento as camadas de trabalhadores para as quais estes conhecimentos eram inacessíveis e inúteis, se reflectirmos nisso, a tarefa deixará de nos parecer imensa.

Veremos que podemos realizar essa tarefa, ensinar massas incomensuravelmente grandes de trabalhadores a dirigir o Estado e a dirigir a indústria, a desenvolver o trabalho prático, a destruir o nocivo preconceito, enraizado na massa operária durante decénios e séculos, segundo o qual a direcção do Estado é assunto dos privilegiados, que isso é uma arte especial. Isso é falso. Cometeremos inevitavelmente erros, mas com cada erro aprenderão agora não grupos de estudantes que tiram teoricamente um qualquer curso de direcção do Estado mas milhões de trabalhadores, que sentirão à sua custa as consequências de cada erro, que verão eles próprios que têm à sua frente tarefas inadiáveis do registo e distribuição dos produtos, da elevação da produtividade do trabalho, e que vêm pela experiência que o poder está nas suas mãos, que ninguém os ajudará se eles não se ajudarem a si próprios. Tal é a nova psicologia que se está a formar na classe operária, tal é a nova tarefa, de uma importância histórica colossal, que se coloca ao proletariado e que mais que tudo deve penetrar na consciência dos sindicatos e dos militantes do movimento sindical. Eles não são apenas sindicatos. Eles são agora sindicatos na medida em que estão unidos nos únicos quadros possíveis ligados ao velho capitalismo e que agrupam o maior número de trabalhadores. Mas a sua tarefa é fazer avançar esses milhões e dezenas de milhões de trabalhadores de uma actividade mais simples para uma outra mais elevada, sem nunca se cansarem de ir buscar novas camadas à reserva dos trabalhadores e sem nunca se cansarem de os fazer avançar até às tarefas mais difíceis; formar desse modo uma massa cada vez mais vasta para a direcção do Estado; fundir-se com a luta do proletariado, que tomou a ditadura nas suas mãos, e que a detém agora perante todo o mundo, atraindo diariamente em todos os países, um após outro, destacamentos de operários industriais e de socialistas que ainda ontem toleravam as directivas dos sociais-traidores e sociais-defensistas e que agora se aproximam cada vez mais da bandeira do comunismo e da Internacional Comunista.

Manter essa bandeira e ao mesmo tempo alargar incessantemente as fileiras dos construtores do socialismo, recordar que as tarefas dos sindicatos são: serem os construtores da nova vida, serem os educadores de novos milhões e dezenas de milhões de homens que aprendam pela sua própria experiência a não cometer erros, a rejeitar os velhos preconceitos, aprendam pela sua própria experiência a dirigir o Estado e a dirigir a produção - essa é a única garantia segura de que a causa do socialismo vencerá completamente, excluindo qualquer possibilidade de voltar atrás.